



## **ORIENTE E OCIDENTE: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DENTRO DE UMA ESCOLA MARCADA PELA CULTURA JAPONESA E PELO ENSINO DE CIÊNCIAS**

**TOMIELLO, Priscila Aizawa<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. [pri\\_aizawa@hotmail.com](mailto:pri_aizawa@hotmail.com)

O presente trabalho emerge de considerações teóricas e metodológicas acerca de algumas prévias intenções investigativas engajados ao Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. O foco de minha pesquisa é o ensino de ciências e o currículo escolar, numa interlocução do Oriente com o Ocidente.

No estudo da problemática presumo um diálogo entre Oriente e Ocidente, com interligações com a Educação, e com outras áreas do conhecimento que investigam a área das Ciências. O problema de estudo na pesquisa é buscar a compreensão de como as crianças de diferentes culturas (oriental e ocidental) percebem as ciências em suas vidas, dentro do espaço escolar constituído por uma identidade cultural oriental, mais precisamente japonesa.

Delimito que minha pesquisa possui articulações com uma escola chamada Oshiman, localizada na cidade de São Paulo (considero esta como objeto de estudo), na qual esta é destinada a descendentes japoneses. O currículo desta escola é marcado por algumas atividades pertencentes a própria cultura japonesa.

Um ponto essencial e esclarecedor no qual remeto a ciência é no sentido de como o ambiente escolar e o currículo se constituem enquanto produtor de conhecimento, saberes e questionamentos. Assim, o presente texto fomenta algumas premissas teóricas que compõem algumas ferramentas de análise metodológica. Contudo, permeada por algumas leituras elejo, a priori como enfoque substancial (ferramenta de análise) os Estudos Culturais – Oriente e Ocidente com vigências nas questões curriculares.

Compreendo os Estudos Culturais sendo um movimento partilhado e entendido aos estudos sobre raça, etnia e as demais categorias sociais, sendo constituído por concepções demarcadas pelos sentidos, pelas identidades de cada povo, pelas bagagens históricas e pelos solos discursivos que operam as relações de poder. Configura-se sendo um campo novo, recente de estudos e de pesquisas, inscrevendo-se em uma “trilha de deslocamentos que obliteram qualquer direção investigativa apoiada na admissão de um lugar privilegiado que ilumine, inspire ou sirva de parâmetro para o conhecimento”. (COSTA 2005, p.13)

Outro ponto que merece destaque é no que diz respeito a dois eixos discursivos – as representações e as identidades. Estes se inserem em um cenário de produção de significados e de sentidos, e não como conteúdo que é espelho e

reflexo de uma realidade anterior ao discurso que as nomeia. Essas concepções dissipam noções correspondentes a uma realidade verdadeira e concreta.

Contudo, tais concepções elencam ao mesmo tempo o campo simbólico, de forma como pensamos os objetos e as práticas. De acordo com essa visão, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL 2005, p.39).

Então, por um lado, ele é fluido, nunca completamente assegurado e está continuamente sendo refeito, reconstituído a cada vez. Por outro lado, ele só existe em relação ao que não é às outras identidades que são seu ‘outro’.

Os Estudos Culturais parecem ser intensamente permeáveis às mudanças históricas, à diversidade de ênfase problemáticas em diferentes momentos e geografias, e têm se caracterizado pelo debate amplo, pela divergência e pela intervenção. Said (1999) analisa o campo de estudos acadêmicos denominado Orientalismo como fato cultural e político, atrelado a uma “ambição geográfica” regidos por um “exercício de força cultural”.

Nesse entendimento, os Estudos Culturais são, ao mesmo tempo, um campo de conhecimento e de ‘militância’. Em meio a tentativas de busca de ferramentas de análise em Foucault, ao analisar e entender determinadas práticas e configurações sociais nos deparamos diante da possibilidade de se articular algum novo arranjo, na qual está presente uma certa inconformidade as condições do próprio presente.

Casado as presentes articulações, a questão do poder por sua vez também tem ênfase quando remeto Foucault e as possibilidades de articulação a entendimentos do presente, demonstra-nos como muitas das práticas do passado nos constituem e nos produzem, sendo assim, existe relevância de recorrermos ao passado para entendermos o presente.

Deslocando o pensamento ao Oriente, Edward Said (1999) analisa o campo de estudos acadêmico denominado Orientalismo, procurando mostrar como os relatos dos povos orientais foram essenciais à definição da própria identidade ocidental e à legitimação dos interesses colonialistas. Seu concorrente constitui, vai sendo instituído como o “outro”. O Orientalismo constitui como uma estratégia narrativa, reflexiva, imagística e semântica que inventa o Oriente para o Ocidente.

Neste sentido, o autor examinou as configurações de poder presentes, tomando evidente que essa forma de falar sobre o Oriente consiste em apresentar descrições “naturais”, mas trata-se de uma “representação” de representar o “outro”.

Partindo de algumas concepções que envolvem os Estudos Culturais e o currículo, Silva nos lança um questionamento: Quais implicações dos Estudos Culturais para a análise do currículo e para o currículo?

“Em primeiro lugar, os Estudos Culturais permitem-nos conceber o currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade. A partir dos Estudos Culturais, podemos ver o conhecimento e o currículo como campos culturais, como campos sujeitos à disputa e à interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia. Nessa perspectiva, o currículo é um artefato cultural em pelo menos dois sentidos: a “instituição” do currículo é uma invenção social como qualquer outra; o “conteúdo” do currículo é uma construção social.” (SILVA, 1999, p.134) [grifos do autor]

Sendo assim, é importante pensarmos a respeito do Ensino das Ciências com enfoques a questão curricular e os estudos compreendidos pela questão cultural. As

atividades científicas produzem um conhecimento, assumindo um papel de constituidor de saberes conectados as ordens sociais, econômicas e políticas.

Desse modo, os regimes de verdades adotados para a compreensão e dissolução destas produções são evidenciados pelo propósito de uma construção de conhecimento autorizado sobre o mundo, engajando-se com as práticas científicas que dão significados aos mesmos.

Sendo assim as “verdades” constituídas, bem como tecidas pelas relações de poder, se produzem e circulam como leis indiscutíveis, quando ditas por pessoas autorizadas, como é o caso do professor. A verdade, então, está ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que reproduzem.

É nesse sentido que Wortmann complementa que a partir da articulação com os Estudos Culturais da Ciência – e com os Estudos Culturais de modo geral “ampliam-se as categorias que passam a ser consideradas nas análises dos processos de produção dos saberes” (2001, p.100).

Para tanto, é preciso que as análises focalizem ações, movimentos e processos considerados nessa vertente, não apenas como associados ao surgimento de campos específicos de saber, mas como instâncias que, em determinadas circunstâncias e épocas, os produzem. Trata-se, então, de marcar que a reunião de pressupostos, procedimentos, propostas e projetos em torno de um arcabouço estrutural, admitindo como próprio e intrínseco aos saberes, quando esses são disciplinados, é uma posição epistêmica postulada em uma particular racionalidade e, então construída na e pela cultura (WORTMANN, 2000, p.98).

Conjugada por tais mapeamentos, compreendo a necessidade de assumir um papel de não consolidar as “certezas”, as “verdades” privilegiando um lugar, um pensamento, os dados, as situações que elas se inserem, mas sim atentar as possibilidades de pensar, tendo em vista as práticas no interior de minha própria problematização de pesquisa.

Concluo a partir de minhas pretensões de pesquisa, bem como unida a estas premissas narrativas, dentro de uma perspectiva de análise metodológica, que neste caso é analisar os discursos (falados e escritos), percebo a presença do Ocidente demarcando a escola que tem por princípio solidificar a cultura Oriental. No entanto, por estar situada em um território ocidental e viver as marcas dessa cultura, termina constituído esse espaço escolar com características ocidentais.

## Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na pós modernidade* (Trad. T.T. da Silva e G. Louro). Rio Grande: DP&A, 2005.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: 2008

SILVA, Tomaz T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WORTMANN, Maria L. C & VEIGA-NET, A. *Estudos Culturais da ciência e Educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2001.